

TETATABU, bella (Rio, 17/06/2020)



Ao longo da História, e remontando mitos, e representações de deusas femininas como Vênus, Pachamama, Inanna, Ishtar, entre outras, a fertilidade é associada às tetas fartas. Sabe-se que a produção de leite incha as mamas, e serve como alimento para os recém-nascidos. Fartura e comilança unem-se aos redondos seios maternos como em um ritual da fêmea e da vida. Sabemos todas, que as tetas tornaram-se objetos de apreciação e também discriminação mediante a relação/comparação entre teta e tamanho. Acompanhamos a chegada dos silicone, enxertos, e filmes pornôns que muito bem evidenciam tal relação.

O que muito me surpreende é que as tetas fartas, se associadas à maternidade, as colocam como auge de um feminino. Como se ali chegássemos à nossa máxima potência. Muito se fala e se exhibe a beleza de um corpo grávido; quantas mulheres sonham com esse dia; quantas mulheres idealizam a amamentação. Indo fundo na minha memória de oito anos atrás, de quando me tornei mãe, me lembro da tensão em dar o leite, da pressão/tensão das mulheres da família (mãe e vó, principalmente) e até de amigas, em torno das minhas mamas fartas. Confesso que pouco é dito sobre a dor. Dor física de dar o leite. Dor psicológica de abdicar de outros interesses para estar presente nesse ato de dar alimento. E outras dores, muitas dores, que a dependência direta de um outro ser por você evocam. Sobre a relação servil que o patriarcado impõe ao corpo da mulher. Sobre a dor e cisão psicológica colocada pela inatividade sexual e baixa libido que a ocitocina libera. Sobre os medos e culpas ancestrais que emergem. Sobre as pressões sociais e julgamentos que nos são apontados. Diversos. De diversos tamanhos. Tamanhos esses que se sobrepõem às próprias tetas.

Confesso (e não é confessional católico) que diante de todas essas dores silenciosamente abafadas por gerações e gerações de mulheres, tudo que eu quis por um tempo foi deixar de lado a teta. Sendo ela é o símbolo de um auge feminino, sendo um símbolo que erotiza o corpo da fêmea, por que me identificaria com ela? Como parte desse processo de negação, passei a usar blusas gigantes da sessão masculina, todas pretas; a me vestir apenas com calças, meias e tênis. E ainda me orgulho de não ter cabelos. Sabemos que prazer e dor são irmãs, e o rito de passagem entre um sentir e outro é saltitante. Pula-se de um pro outro e nem sabemos por onde começamos. E por vezes, é melhor olhar pra fora e esquecer. Esqueci-me das minhas tetas. Por muitos e muitos anos. Até chegar a esse texto, ou até a um pouco antes dele, no dia em que conversei com Marie ao telefone e chorei ao contar sobre elas. De lá em diante, venho redescobrimo o prazer e me permitindo sentir de novo.

Venho experimentando com o meu corpo outros símbolos, outras referências, e me lendo agora, observo o quanto isso faz parte de uma tentativa de encontrar novos sentidos pro feminino. Sinto-me mulher e não. Se me recordo das repressões, agressões, e tristezas que vivi em união com homens, acho que preferia não ter gênero nenhum. Nem esquerda, nem direita. Nem bi, nem homo. Hemafrodita, O Diabo, e outros seres mutantes, poderiam entrar no meu imaginário e me satisfazer. Fiquei feliz nas vezes em que certas pessoas se depararam comigo e não souberam me identificar. Faz pouco tempo, eu tinha recém-terminado de tocar num festival e estava terminando de guardar meus equipamentos; uma mulher entrou no espaço, e gaguejou, não sabia reconhecer meu gênero. De fato, essa tem sido minha busca. Ou veio sendo. Ciente ou não.

Venho percebendo que falar, desoprime. E que esse exercício de identificação é rebatido por reflexos externos, por convenções coletivas e sociais. Tirando as próprias amarras, descubro que brincar com o próprio corpo é um ato de liberdade. Um jogo inocente e sagrado. “Sim, meus irmãos, para o jogo da criação é preciso dizer um sagrado sim (NIETZSCHE).” E me recordo do trabalho de Marie, das tetas-theremin, de sua liberdade em fazer balançá-las e produzir som em qualquer espaço. Da marcha das cem tetas, do carimbo, e das experiências aproximadas que tivemos. Talvez para que as tetas vivam essa leveza, seria necessário que antes se desmontasse o patriarcado e os binarismos; mas pensando agora, não é uma questão de ordem. Precisamos viver essa leveza hoje, com o que temos, com nosso corpo que é nossa força maior. Colocar as tetas para tomar ares, dançar; massageá-las, tocá-las e amá-las em qualquer dimensão. Para desarmar os tabus, começarmos a vivenciar em nossas corpos o prazer, tal qual Vênus e seu cinturão.

E se me perguntarem se sou feliz com minha maternidade: sim, sim e sim. Desde que o sim não exclua a gama complexa de sentimentos e outras possíveis feminilidades.